

suppliciter provolutus Appostolicam benedictionem peto, cui me totum comendo, et cum Longeva vita eternam felicitatem exopto.

Datum Angræ die octava May. Anno Domini 1695.

Beatissime Pater.

Sanctitatis Vestre.

Devotissimus, Addictissimus, et Obsequentissimus filius.

Cinegética e Arqueologia

Razão do título:—I. O côto da Pena—1. Localização e descrição dêste castro—2. Região arqueológica—3. Etimologia popular—4. Descrição dos achados—5. Considerações.

O meu amigo P.^o José Joaquim Saraiva de Miranda, dos Arcos de Valdevez, é um emérito e infatigável caçador, que à minha má companhia deve o ser, tanto ou mais do que eu sou, vicioso em arqueologia; e mero, malaventurado vício tem sido para mim esta caturreira.

Nas suas excursões cinegéticas pelas cumiadas, que formam um dos mais remotos tentáculos da serra do Soajo, começou ele, há anos, a notar que, por entre o tojo e a carqueja, se ocultavam, aqui e acolá, fragmentos de cerâmica antiga e utensílios líticos, que indubitavelmente lhe testemunhavam a existência do seu e meu antepassado pré-histórico, naquelas paragens, e que, por isso mesmo, insistentemente, ele ia reunindo na sua bolsa de caçador com o mesmo zêlo, que consagrava às perdizes e aos coelhos fugidiços.

Nas cartas que me escrevia, tinha sempre que me contar dos seus achados arqueológicos, mesmo em tempo defeso, porque o não há para esta caça de antigualhas; mas retraído e modesto, não houve meio de conseguir que redigisse, por seu punho, os apontamentos do seu canhenho, para serem publicados e darem lucro à ciência arqueológica.

Foi assim que, para tornar proveitoso o trabalho do meu amigo, optei pela revisão da sua epistolografia, enfeixando com método as notas que vinham, ao sabor da ocasião, retalhadas em numerosas cartas, para que cada sítio arqueológico ficasse desta forma mais ou menos completamente monografado.

Desta publicação, o que pois me toca, é pouco mais que a tarefa material de copista e organizador; a pesquisa arqueológica e o mérito de a saber efectuar e apreciar são do meu amigo e incansável camineiro, P.^o Saraiva de Miranda.

Todos os descobrimentos aqui relacionados pertencem aos tempos pre- e protoistóricos e, por oferta do seu autor, acham-se no Museu Etnológico Português.

Começaremos por:

I

O Côto da Pena

1.

Na carta geodésica n.º 4, a L. de Arcos de Valdevez, se traçarmos uma recta desde o ponto trigonométrico 443 metros (Penacova) na direcção aproximada SE. até a séde da freguesia do Vale, cortaremos a meia distância umas curvas de nivel acidentadas, que correspondem

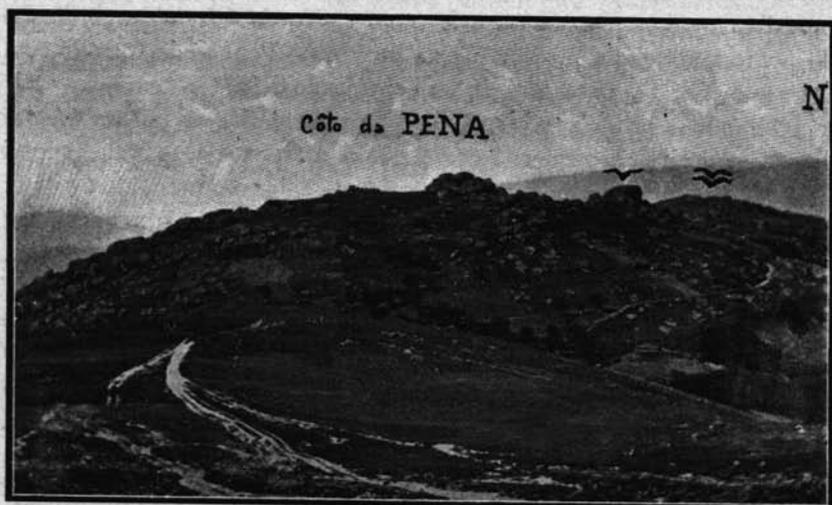


Fig. 1

ao declive S. do côto, onde se encontram os vestígios arqueológicos que se relacionam nestas páginas e que são suficientes para marcar neste ponto um povoado pre-romano¹.

O côto da Pena é uma cumiada, que faz parte duma série de alturas, orientadas de N. a S. aproximadamente e separadas umas das outras por pequenas depressões do terreno; tem uma forma largamente arredondada com declives suaves para todos os lados, mas

¹ Já a este sitio me referi no *Arch. Port.*, VII, 197, nota. *Pena* diz pedra, quer tenha sido alguma pedra mais evidente que desapareceu, quer seja a grande abundância dela nas abas meridionais do cabeço.

bastante mais íngremes para S.; do chão emerge abundante penedia com as mais variadas dimensões, por entre a qual há espaços livres, que o tojo rasteiro invade totalmente e que contêm os restos de cerâmica antiga de que me ocuparei. Aí também apareceram os vestígios dum primeiro lar ou cinzeiro.

Nalguns pontos, aquelas amontoadas moles graníticas formam abrigos naturais, principalmente no sítio mais elevado que se vê na fig. 1.

Na eminência, que deixo descrita, e num plano pouco inferior, que fica a N., há um grande penedo, a que chamam o *Penedo do Castelo*, porque aí foi que os «mouros» edificaram a sua «fortaleza», cujos destroços são os montões de pedraria miúda que jaz em volta. E perto estão, segundo o célebre «Roteiro», os tesouros encantados dessa mourisca opulenta, mais para L. no *Penedo da Giesteira*. À direita do ponto mais elevado, designei na gravura o Penedo do Castelo com uma ave (fig. 1). Esta fotografia é tirada de NE.

O caminho branco, que se vê no primeiro plano, vai para a *Chã de Arcas*; o declive à esquerda corresponde à freguesia do Vale. Daqui provêm, que também se ouve aplicar a êste cabeça o nome de *Castelo*.

Estas lendas são quasi sempre uma bússola para o arqueólogo; ninguém as despreze nem ridicularize; são a história desfigurada, são a tradição do nosso período heróico.

Que ainda hoje existe aquela aglomeração de pedras brutas, não há dúvida; já a ela me referi no *Arch. Port.*, VII, 194, nota 2. O meu amigo P.^e Saraiva de Miranda diz que a hipótese de terem sido entulhos provenientes da necessidade de desobstruir a terra para cultura é, até certo ponto, corroborada pelo facto de chamarem aos patamares «leiras da Pena». Não tive essa impressão, quando visitei o local, tendo-se-me figurado que a disposição do pedregulho indicava a ruína dum muro de defesa, e a opinião do meu zeloso colaborador é também de que essas pedras são os destroços de quaisquer construções, que ali houvesse.

Há pois patamares ou trincheiras de terra, muito desfeitas e quasi niveladas; do lado N. distinguem-se três ordens, bem como do lado S. No flanco O. é que nada se encontra. Além disto, há as ruínas de muros com pedras cravadas umas, outras assentes. Encontram-se também três ordens destas ruínas, que em todo o caso correspondem a obras muito rudimentares e primitivas, segundo as observações do meu amigo, porque alguns pedregulhos eram cravados ao alto e outros colocados horizontalmente. Há ao S. alguns destes restos e entre dois penedos um lanço mede 6 metros de extensão.

O estado destas ruínas causa dúvidas, mas há uma circunstância significativa: é que, em muitos castros, se tem encontrado três ordens de muralhas e aqui neste *côto* há o mesmo número de destroços de parede e de trincheiras. Escusado é quasi dizer, que estas ruínas servem de pedreira para a vizinhança de mais ou menos longe.

2.

O *Côto da Pena* pertence à vasta região arqueológica do vale do rio Vez, afluente do Lima. São numerosos os castros, as estações e as antas das vertentes destes dois cursos de água e noto isto, porque os povos primitivos fixavam sempre as suas estâncias nas proximidades dos rios, que eram, antes de mais, as suas primeiras estradas.

No *Archeologo Português* tenho dado notícias mais ou menos circunstanciadas dos vestígios pre- e protolstóricos desta região, em especial das antas da Serra de Soajo e suas ramificações (*Arch. Port.*, VII, 193 e VIII, 72) e dos castros de S. Miguel-o-Anjo em Ázere (*Arch. Port.*, I, 161, e IV, 231 e 289), de Cendufe (*Arch. Port.*, XIII, 202) das Necessidades, em Cabreiro (*Arch. Port.*, IV, 289, e IX, 214) e referências a outros, além do que pertence já aos tempos históricos. E não está de todo desenrolada a série.

O *Côto da Pena*, como se pode ver na carta geodésica supracitada, fica bem próximo da margem esquerda do rio Vez e em uma região inteiramente arqueológica. Fica-lhe próximo o *Castelo de Ázere*, e mais chegadas as antas da *Chã de Arcas*, para a qual é o caminho que se vê no primeiro plano; a estação preistórica de *Pena-Cova* (ainda inédita) e os *Crastos* do Vale.

Da importante estação de *Penacova*, fazem parte dois pontos distintos; o alto dos *Penedos Grandes* e a *Lapa das Bestas*; este último vê-se na fig. 1 ao norte do *Côto da Pena*, estando indicado com duas aves (). Para a esquerda da vista, na freguesia do Vale e já em plano bastante inferior, encontram-se os tais *Crastos* do Vale, toponimicamente assim designados por este plural, embora se trate de uma só estação arqueológica.

3.

A etimologia popular de *Côto da Pena* é curiosa.

Ferira-se no planalto, em tempo dos «mouros», um combate tam sanguinolento e os mortos, que pelo campo ficaram, eram em tam grande número, que «metia pena»!

Não pára aqui a imaginação popular nestes sonhos etimológicos. Diz-me o meu amigo em uma carta, ecoando apenas a prelecção de

um ciprianista incorrigível: «E o nome do actual lugar de *Penacova* remonta a sua ascendência à mesma época, pois, no sítio em que hoje está, foi aberta, para sepultura dos mortos no tal combate da *Pena*, uma *Cova*, ficando a chamar-se ao lugar *Penacova*. Informava-me também o meu cicerone que, na encosta do S., existe um olho marinho¹ sôbre o Vale (freguesia do Vale), porque em tempos antigos, andando uns mineiros a perfurar o monte para a captação de água, chegados a certa altura, tiveram de fugir e abandonar as ferramentas, pois uma voz saída das entranhas da terra os intimou a abandonar a empresa; senão, alagava-se tudo! As minas lá estão. Estas lendas foram-me narradas por Manuel Joaquim Veloso, da freguesia do Vale, um ferrenho ciprianista, que conta tantas decepções quantas as tentativas de *desencantos*, que tem pretendido realizar».

4.

Os achados, que se restringem à estação pre-romana da Pena, podem agrupar-se em cinco classes, que me proponho descrever: a) objectos de pedra; b) objectos de metal; c) antigualhas de barro, incluindo propriamente a cerâmica; d) restos animais e vegetais; e) insculpturas rupestres.

a) OBJECTOS DE PEDRA.—Fragmento de uma *pedra de polir ou polidouro portátil*, de granito (*Arch. Port.*, XVIII, 80). É um pedaço de rocha idêntica à que vemos muito utilizada nas construções castrejas do norte. Efectivamente na região, a que me estou referindo, há algumas variedades de granito. O constituído por elementos mais volumosos, entre os quais avulta o feldspato, não se encontra aproveitado nos castros, certamente por motivo da sua grande dureza. Pelo contrário, o granito com um aspecto que lembra o grés, isto é, aquele em que o feldspato está reduzido a pequeníssimos cristais, a mica é preta e quasi pulverizada, não se vendo a olho nu o quartzo, esse é que era utilizado pelos habitantes dos castros; provavelmente porque o seu grau de dureza é baixo. A cor é também um pouco amarelada. Ora deste granito de fina granulação é o fragmento da pedra de polir que represento na fig. 2. O actual comprimento é 0^m,12; a dimensão que representa ainda a real largura do utensílio é 0^m,14 a 0^m,15 e a maior espessura 0^m,06. A face superior, isto é, a face útil tem ao centro, aproximadamente, metade de uma pouco

¹ Vid. *Arch. Port.*, VII, 197, nota 2. Segundo esta informação, o olho é mais ao N. sôbre o ribeiro de *Carralcova*, a não ser, diz o meu colaborador, que tenhamos um monte com dois olhos!

profunda, mas muito regular escavação de contôrno elíptico, mas com a curva do lado menor existente um pouco deprimida, isto é, menos convexa do que devia ser uma elipse normal.

Essa escavação tem a superfície côncava perfeitamente polida, dando aos nossos dedos um contacto como o do papel fino; o perfil transversal desta depressão, evidentemente artificial, é um segmento de largo círculo. Em volta, é plana a superfície da pedra e lisa, deixando ao tacto a sensação das finas granulações desta variedade de granito.

Há portanto diferença no estado das duas superfícies: uma simplesmente lisa, outra perfeitamente polida, embora baça.

A primeira fractura de pedra foi transversa, atingindo talvez um segundo acidente um ângulo lateral do utensílio.

Não julgo muito fácil definir quer a utilidade, quer a época deste objecto. O estado de polidura, em que se encontra a superfície da depressão, indica-nos, com alguma probabilidade, a sua serventia; destinou-se acaso a polir, melhor do que

a afiar objectos de substância dura¹ talvez com o auxilio da água, mas a perfeita regularidade do seu contôrno não deixa bem presumir qual a manipulação do utensílio a polir, que, em todo o caso, bem exíguo devia ser.

Agora surge outra dificuldade; ¿seria de pedra, de bronze, ou de ferro o artefacto, que obtinha o desgaste necessário no seu friccionamento sôbre aquela superfície?

A concavidade da depressão sugere que ali se polia uma superfície de correspondente convexidade e não plana; nesta hipótese, uma arma ou utensílio neolítico é o que parece melhor ajustar-se à referida depressão.

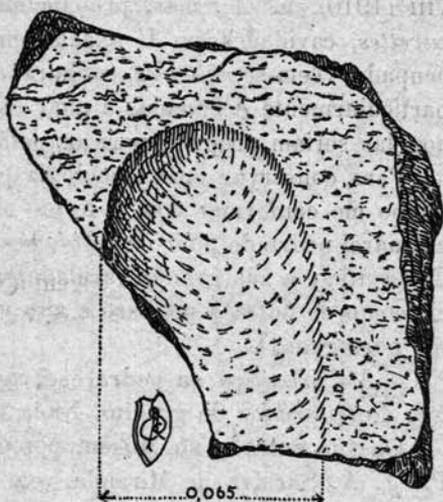


Fig. 2

¹ Pedras de afiar ou amolar não são raras em Portugal, mas não tem, como esta, um contôrno definido na cavidade ou depressão útil (*Arch. Port.*, XVIII, 80, est. n.º 8).

Sendo assim, esta pedra é da época neo- ou calcolítica. A utilização de triturador em geral parece-me dever excluir-se, sem hesitar, em qualquer das suas aplicações. A perfeita polidura da cavidade não se adequa a tal trabalho.

Na tecnologia prehistórica, costuma distinguir-se entre polidouros fixos (ou rupestres) e portáteis. É evidente que o da Pena pertence à segunda categoria (*Manuel, etc.*, I, 524, e *L'homme préhistorique*, VIII (1910), n.º 1), mas, principalmente nos primeiros, ao lado de *cuvettes*, cavidades em U exactamente como esta de que me tenho ocupado, vêem-se *rainures*, ranhuras longas em V, que parecem mais particularmente destinadas a afiar os utensílios neolíticos, emquanto aquelas seriam próprias para os polir.

Para conservar uma tecnologia paralela à francesa e ao mesmo tempo me conformar com o termo eleito por alguém de autoridade, chamarei pedra de polir ou *polidouro portátil* a este utensílio e escuso de acentuar a sua grande raridade em Portugal, tanto de uma espécie como de outra e por isso a alta valia arqueológica desta antigualha portuguesa¹.

—*Mó primitiva* ou pedra escavada, a que melhor quadra o epíteto de *triturador* de granito. Nada tem de particular.

Da sua entrada no Museu, por oferta do seu descobridor, o Sr. P.º J. A. Saraiva de Miranda, vem a menção no *Arch. Port.*, xv, p. 236.

—*Seixos rolados*. Sobre um lar, que adiante será descrito e era constituído por uma camada de barro, apareceram seixos rolados com vestígios de terem sido expostos ao fogo, martelos de quartzo ou sílica, cacos e carvões em abundância.

—De pedra polida, há um *machado* de secção elipsoidal no plano de comprimento de menor espessura e trapezóide no plano perpendicular a este; o gume um pouco oblíquo e as facetas deste convexas e quasi simétricas. Mede: comprimento 0^m,109; largura máxima (junto ao gume) 0^m,055; espessura máxima (a meio) 0^m,035 (fig. 3).

—Da mesma substância foi recolhido um seixo oblongo de rocha (quartzite?) branca e opaca, mas de proveniência fluviátil. Foi porém aproveitado pelo habitante da Pena, porque nas extremidades tem vestígios de uso, devendo ter servido de *percutor* natural e na região

¹ Entre os achados de Sabroso figura o mencionado nestas lacónicas palavras de Sarmiento: «Encontrou-se uma pedra cujo destino é difícil de descobrir. Está incompleta. Na concavidade está muito polida» (*Rev. de Guimarães*, xxiv, 57). Será pedra de polir ou de afiar?

mediana parece ter sido também pedra de afiar (fig. 4); tem o comprimento de $0^m,095$; diâmetros transversais $0^m,029$ e $0^m,026$. Se prescindirmos do perfil redondo das arestas, o seu aspecto é dum prisma triangular (número de entrada no Museu Etnológico Português 2:557).

—Mais dois pequenos pedaços de *rocha côrante*, vermelha, de natureza friável e um fragmento de *amolador* de grés, de forma natural de cubo irregular, com $0^m,250$ na maior espessura.

b) OBJECTOS DE METAL.—Uma lâmina de ferro comprida, estreita e quasi plana, que devia ter tido gume, mas está fragmentada em cinco partes e muito corroída da ferrugem. Não tem alvado e é muito estreita, quasi ponteguda em uma das extremidades. Comprimento $0^m,166$; largura na base ou espigão $0^m,07$ e $0^m,08$ e na extremidade menos estreita $0^m,013$ (número de entrada no Museu Etnológico Português 1:286).

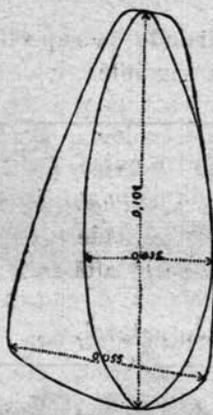


Fig. 3

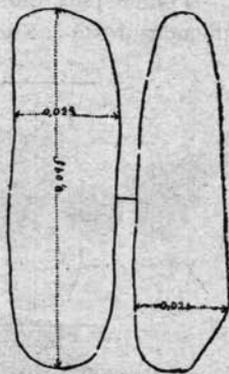


Fig. 4

—Um pedaço de *estanho* informe, mas que na fusão deixou entalado um caco de cerâmica grosseira e micácea.

c) ANTIGUALHAS DE BARRO.—Um *lar*, *cinzeiro* ou *rescaldo*, constituído por uma camada de barro, sobre a qual havia seixos calcinados, muitos carvões, cacos e outros restos. A estrutura d'êste cinzeiro mereceu ao meu arguto amigo um grande rigor de observação e por isso vou transcrever as suas próprias palavras.

«Lar e pavimento? A poucos passos do Penedo do Castelo para L. fiz em tempos uma pequena sondagem, que me revelou uma camada de barro de pouca espessura; regulava por $0^m,05$. A princípio atraída a minha atenção para a grande abundância de cacos de pasta muito arenosa e quebradiça, predominando a côr negra, mas de superficies bem polidas, destruí parte dessa camada argilosa. Últimamente, com mais precauções, pus a descoberto o que ainda restava e que media $1^m,50$ de comprimento por $0^m,50$ de largo. Nos cortes que ia fazendo, notei com certa admiração que uma faixa de carvão se sucedia imediatamente ao barro¹. Cortei com cuidado em vários

¹ [Entenda-se: de cima para baixo].

pontos alguns blocos e sempre encontrei a mesma disposição: barro-carvão; mas aquele desagregava-se facilmente na parte que mais próxima estava do carvão e que tinha côr amarela ou escura, enquanto a parte superior de côr avermelhada se conservava pela sua maior consistência».

Em outro ponto da carta, acrescenta o seu autor, que a zona inferior da camada de barro tinha impressões de hastes de vegetais, como na estação da Rotura, etc., e que êsses restos de varedo estavam carbonizados.

Temos pois que, partindo da superfície para o subsolo, a estratificação dêste lar era a seguinte:

I	Carvões e outros detritos.
II	Camada de barro cozido e consistente.
III	Camada de barro desagregável com impressões de varedo.
IV	Vegetais ou varedo carbonizado ¹ .
V	Subsolo natural.

— *Cossoiro* de barro, coberto de uma camada muito aderente de negro de fumo, excepto na base que é parda; é algo lustroso, sem ornato algum; pasta compacta. A sua superfície regular favorece a hipótese de ter sido fabricado em fôrma; na verdade difere muito

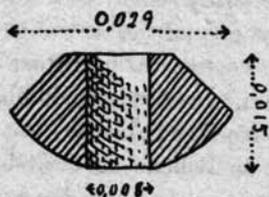


Fig. 5



Fig. 7

dos que se encontram em estações mais antigas. Tem a forma semi-esférica um pouco deprimida; eis as suas dimensões: diâmetro na base, 0^m,028; altura, 0^m,012; diâmetro do orifício sensivelmente cilíndrico, 0^m,004; pêso, 13^{gr},5 (n.º 1:747). A substância dêste cossoiro, pelo seu aspecto e tacto, facilmente se confunde com pedra,

¹ Encontram-se no Museu Etnológico Português os pedaços de argila com os caules carbonizados.

mas encontro-o um pouco leve para isso e seria um atentado riscá-lo ou parti-lo. (Fig. 6, n.º 4).

—Em poder do P.º Saraiva há outro análogo em forma, mas de xisto avermelhado, segundo a informação. O diâmetro tem 0^m,03 e a altura 0^m,01. O orifício porêem é cónico neste exemplar, sendo mais largo na face plana.

—Metade de outro cossoiro, cujo corte represento na fig. 5. É quási bicónico, mas a face superior tem o perfil convexo e na base

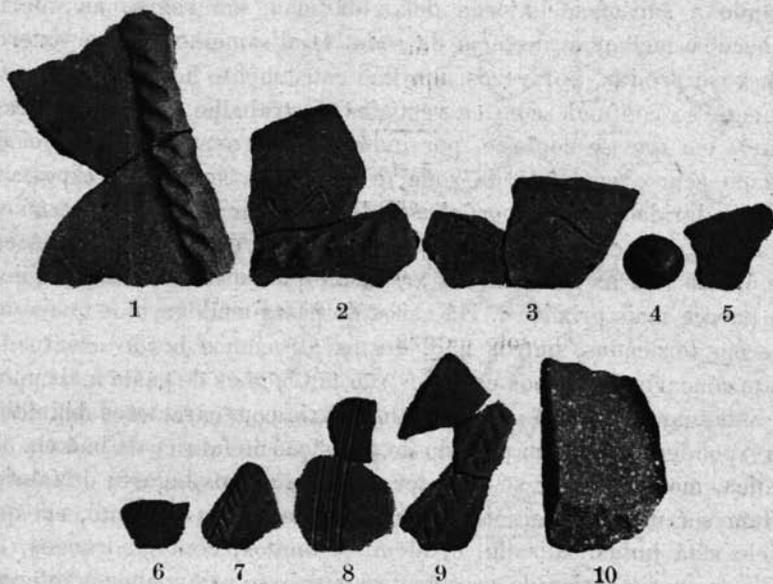


Fig. 6

há uma zona plana. Diâmetro 0^m,029; altura 0^m,015; diâmetro do orifício cilíndrico 0^m,008 (n.º 1:748).

—Uma porção de fragmentos informes de barro cozido, com impressões de caules de vegetais (n.º 1:749).

—Bordos de vasos de barro e fragmentos de bojós. Reproduzo os que tem alguma significação nas figs. 6 e 7.

Esta cerâmica é, parte, lisa e parte, ornamentada. Recolhida à superfície do terreno, não é de admirar que esteja reduzida a fragmentos, que não permitem a reconstituição de nenhum vaso. Com raras e discutíveis excepções, é de fabrico primitivo, isto é, modelada sem roda de oleiro e, no geral, a pasta é micácea, mais ou menos. Na fig. 6, o n.º 10 foi fotografado de tal maneira que as palhetas de mica se destacassem; este fragmento é o mais abundantemente provido desta poeira luzente. O n.º 3 também a mostra. Os bordos

são em geral simples e ligeiramente caliciformes; pelos fragmentos, parece que eram de largo diâmetro os vasos. As espessuras variam entre limites pouco distantes: 0^m,003; 0^m,004; 0^m,005; 0^m,006; 0^m,008 e 0^m,010 são dimensões registadas ao acaso.

Em exemplares muito diminutos, nem sempre é fácil determinar os vestígios de fabrico; mas, em geral, os indícios da roda, nos casos de melhor fabrico, não são evidentes; o que parece indicar que a manipulação do barro, embora pelo processo primitivo, era esmerada. Quando a superfície externa deixa dúvidas, em regra, na interna conhece-se melhor a ausência da roda. O alisamento da face externa dum vaso produz, por vezes, um fino estriamento horizontal, que facilmente se confunde com os vestígios do trabalho à roda. Há fragmentos em que se conhece, por indícios seguros, que o vaso foi fabricado sem o emprêgo da roda, e contudo a sua pouca espessura e a regularidade das superfícies podem sugerir o fabrico mecânico. A pasta é, nos exemplares em que a mica aparece, mais homogénea; isto é, não tem as granulações arenosas que se notam em cerâmica, que parece mais primitiva. Há casos de pasta análoga, dos quais uns parecem torneados, outros não, destes até com o bordo acentuadamente côncavo. Os menos espessos são também os de pasta mais pura.

Estas notas, que não acusam uma olaria com caracteres definidos, correspondem bem a um período de transição no fabrico da baixela doméstica, mas creio que se deve ter em vista que os lugares de fabrico deviam ser muitos, mais decerto do que no tempo presente, em que aquele está industrializado, e, além de muitos, contemporâneos, de modo que seria arriscado procurar segura base nas pequenas diferenças a que eu acabo de me referir, para conclusões cronológicas. A ornamentação pode classificar-se em ressaltada ou relevada e incisa.

A primeira consta de delgados rolos de barro, que foram aplicados sobre a face externa dos vasos, enquanto moles, de maneira que ficavam aderentes. Essa aderência era assegurada fazendo o oleiro passar o dedo ou a espátula ao longo desses rolos de argila, do lado inferior e do lado superior, e estabelecendo assim a necessária junção das superfícies; as estrias deixadas ao longo daqueles apêndices por esta manipulação fazem lembrar às vezes o trabalho à roda do oleiro, mas é bom de ver que a presença desta ornamentação é um indício de que o vaso não foi torneado; aliás o próprio oleiro disporia, ao imprimir a rotação ao seu artefacto, os relevos horizontais que quisesse, sem necessidade de os aplicar como um acessório. Chamarei *nervuras* a estes rolos aplicados, de preferência a *cordões*, que outros observadores lhes chamam, mas que só às vezes é exacta. O seu grau

de relêvo varia muito; se uns são muito salientes, outros foram estendidos de modo que quasi constituem uma delgada fita. A nervura de um daqueles fragmentos tem muito relêvo e a espessura do vaso é grande: 0^m,009 e 0^m,010.

O que é curioso, é a ornamentação das próprias nervuras. A intenção de imitar uma corda torcida parece-me evidente, em presença do n.º 1 da fig. 6. Há nesta figura mais três fragmentos (n.ºs 2, 7 e 9) em que o oleiro já perdeu a noção do seu ornamento, feito *pro-forma*.

Digna de nota é a técnica das depressões, que ornam as nervuras dos cacos n.º 1 e 2; pareceriam à primeira vista *dedadas*, mas vê-se na superfície do barro a estampagem da fina trama dum tecido, com que o oleiro envolveu o seu estilete ou espátula. Há exemplos de ornamentação conseguida com cordéis ou mesmo tiras de pano¹, mas o meu caso particular creio que ainda não foi notado. Nos outros fragmentos, o artífice limitou-se a fazer pequenos sulcos oblíquos sobre a nervura ainda fresca, mas êste processo foi

também empregado sobre a própria face externa do vaso, sem nervura preliminar; umas vezes são toques de uma haste romba (fig. 8, v), outras são verdadeiras incisões (fig. 8, vi). As *dedadas*, chamar-lhes hei assim, embora nem sempre sejam produzidas pelo dedo, apare-

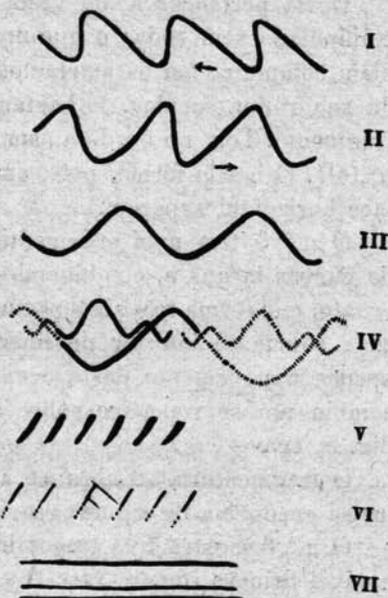


Fig. 8

¹ Chama-se *céramique cordée* ou à *la ficelle* (*Schnurkeramik* dos arqueólogos alemães); a 2.^a é a *céramique rubanée* (*Bandkeramik*). Um vaso semi-esférico, ornado com estampagem de pano, proveniente dos dólmenes de Morbihan (França) pertence à 2.^a categoria em vista do desenho, não da técnica. Eis as palavras de J. Dechelette (*Manuel*, I, 559) . . . *le n.º 8 curieusement décoré, semble-t-il, par l'impression d'un morceau d'étoffe*. No fragmento da *Pena*, o trapo intervinha acessóriamente. No Museu Etnológico, na secção estrangeira, há um exemplar de cerâmica *Bandkeramik* e, na parte nacional, há também um «caco de cerâmica indígena com ornamentação estampada por um tecido» que vejo mencionado nas aquisições realizadas pelo meu amigo e actual conservador, Dr. Vergílio Correia, em Condeixa-a-Velha, nos estratos pré-romanos (*Arch. Port.*, XVIII, 155).

cem também na face lisa dalguns vasos, sem nervura: a essas depressões correspondem ligeiras protuberâncias na face interna, o que bem se explica.

Passemos à ornamentação incisa.

O fragmento n.º 3 da fig. 6 é ornado não só exteriormente, mas interiormente no colo com um sulco ondeante (fig. 8, III).

Devia pertencer a um vaso de grande diâmetro; apesar disso é manipulado sem roda; o que mostra que estes rudes oleiros pretendiam competir com os artefactos torneados, sem saírem francamente da sua rotina secular. É bastante carregada de mica a pasta dêste fragmento. Tem no bordo a espessura de 0^m,013 e inferiormente a de 0^m,007. O bordo forma, pois, uma espécie de lábio mais espesso e de face horizontal superior.

O n.º 5 tem uma ornamentação curiosa. Há um sulco ondeante de curvas largas e, combinando-se com êle e sobrepondo-se-lhe, um ornato, que forma três ziguezagues simétricamente dispostos e abrange cada segmento inferior da linha ondulada. O fragmento apresenta apenas um elemento desta ornamentação, mas é provável que esta combinação se repetisse sobre iguais segmentos do traço principal (fig. 8, IV).

O fragmento n.º 6 abrange um insignificante trecho de uma linha incisa em forma de ziguezague, com os ângulos arredondados.

O n.º 8 mostra três traços horizontais, paralelos e rasgados com notável firmeza (fig. 8, VII). A espessura dêste fragmento é limitada a 0^m,003 e 0^m,004; a superfície interna é um pouco irregular, mas confesso que se fica hesitante, quanto ao género de fabrico do vaso a que êste fragmento pertenceu. A pasta é escura, pardacenta e micácea, mas homogénea. Há três cacos com êstes sulcos concêntricos e em todos se dá a mesma dúvida.

As impressões digitais, os traços concêntricos¹ ou paralelos, os sulcos sinuosos ou ondeantes, os golpes de espátula ou mesmo de ponta romba, seriados, constituem uma ornamentação que se encontra nos castros. Como exemplo, pode ver-se a *Portugalia* (II, 673) no Castelo Velho de Amarante.

As nervuras constituem uma ornamentação muito antiga, mas ao mesmo tempo muito duradoura (*Manuel*, I, 562), que tinha a vantagem de fortalecer o artefacto. Na próxima estação de Pena-Cova, que penso não ter chegado à época de ferro, havia já baixela ornada com estes relevos.

¹ Concêntricos relativamente ao eixo do recipiente.

Os sulcos sinuosos não eram traçados sempre no mesmo sentido. Alguns parecem terem sido feitos da esquerda para a direita e outros na direcção contrária. Quando os ziguezagues da curva são ortogonais e idénticos, não se conhece em que sentido foram traçados (fig. 8, I, II e III).

Como o ornato do n.º 5, não conheço outro (fig. 8, IV). Lembra, pelo pensamento que o inspira, os arcos entrecruzados de que pode ver-se em Déchelette (*Manuel*, II, 1469) um exemplo, mas aqui havia maior capricho. É provável que estes motivos se inspirassem na ornamentação da baixela metálica. Reúni num esquema estes desenhos, para seu mais comodo estudo (fig. 8).

Além destes fragmentos, destaca-se pelo seu exclusivismo, o que represento na fig. 7. É o único de estilo rectilíneo; as incisões são profundamente gravadas, mas não é facil determinar o motivo ornamental. Pelo lado interno do caco, a pasta tem o tom amarelo natural; pela face externa, que é a ornada de desenhos, a pasta tomou a cor negra proveniente de exposição ao fumo, tal como succede num cossoiro que deixo descrito. Quási é desnecessário acrescentar, que o fabrico é primitivo e a pasta micácea.

Todos estes exemplares, que tenho perpassado, são das olarias indígenas. Há porém um caco, que pertence a outra série completamente distinta. É, ao que parece, daquela cerâmica exótica de pasta cinzenta e fina, que o falecido Santos Rocha, com tanta diligência, exumou da estação de Santa Olaia (*op. cit.*, p. 43) e como tal classificou. Pela sua forma, este caco deve ter pertencido a uma taça ou prato; corresponde a um bordo plano e largo.

d) RESTOS ANIMAIS E VEGETAIS.—*Ossos*. Limitam-se os achados a um molar de ruminante, achado justamente com caroços de frutos, cacos de pasta micácea e carvão vegetal em grande extensão.

Frutos. Os exemplares existentes estão uns evidentemente carbonizados, e outros enegrecidos apenas pela longa inumação. Constam de dois caroços duros, um pequeno fruto com dois umbilicos ao centro, outro com dois pedúnculos ou prolongamentos ponteagudos e sementinhas globulares aglutinadas. Os caroços de *prunus* aparecem juntamente com grande porção de madeira carbonizada. As sementes parecem-me as de painço, mas os outros frutos não puderam ser classificados¹.

¹ O painço appareceu também na próxima estação calcolitica de Pena-Cova; a elle me referirei mais especialmente, porque foi proficientemente estudado pelo distinto técnico Otto Klein.

e) INSCULTURAS. Diz-me o P.^o Saraiva de Miranda:

«Em uma grande fraga a SE. que me dizem chamar-se a *Lapa de Água* existem duas *covinhas*; uma é circular e mede de diâmetro 0^m,13 e de profundidade 0^m,05; outra é oblonga e tem 0^m,15 no seu maior comprimento, 0^m,10 de largura e 0^m,03 de profundidade. Na encosta do mesmo monte, ao S., em um pequeno penedo que fica em «uma chã»¹, mas já ao subir a ladeira, há uma *pia circular*, que mede de diâmetro 0^m,22 e de profundidade 0^m,08. O fundo desta pia tem

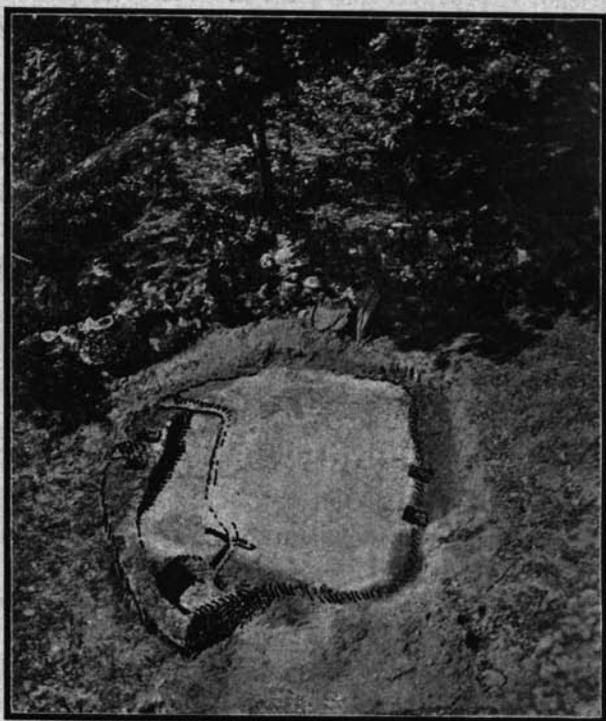


Fig. 9

a mesma inclinação da superfície superior do penedo, mas como este é de pequenas dimensões, julgo-o deslocado da posição primitiva, que deveria ter sido a horizontal. . . ».

«Há outras pias de maiores dimensões, mas são obra da natureza e há o *lagar*. . . ». É este que vou descrever seguindo quasi textualmente a carta do P.^o Saraiva de Miranda.

¹ [A nasal pronuncia-se como em Lisboa na palavra *chão*].

Devo, antes de mais, notar que esta obra não está nas abas do Coto da Pena, mas fica ao poente, numa encosta fronteira e próxima, num sítio a que chamam o *Gaio*. A excavação foi aberta num pequeno rochedo, que apenas mede na face anterior $0^m,70$ de altura, e é nas suas grandes linhas um quadrilátero tôsko e irregular.

A face zenital do rochedo é um pouco em declive para o lado direito e mede nos seus eixos em cruz $2^m,60$ por $1^m,88$. Bordo só o tem acentuado nos pontos, em que o desbaste da pedra teve de ser mais profundo para conseguir o fraco declive a que me refiro; portanto esse bordo não era parte essencial da obra, como muito acertadamente observa o meu sagaz correspondente. Na fig. 9 represento uma vista lateral direita do lagar; na fig. 10 um esquema das suas cavidades, supondo o observador em frente do rochedo.

No fundo desta fossa, foram abertos dois sulcos, um para a direita *b*, que vai abrir-se sobre uma excavação *B* depois de atravessar uma incisão *b'* ou golpe transversal feito na rocha; outro *a* segue, numa parte do seu trajecto, paralelamente à frente do rochedo, e depois de dobrar em ângulo recto para a borda da pedra, aí acaba.

É evidente que a ranhura *b'* se destinava a receber uma tábua ou adufa, que impedia mal ou bem a passagem total dum líquido ou das suas impurezas para a fossa *B*, que neste caso pode bem desde já chamar-se lagareta. O sulco ou canal *a* mostra uma disposição um pouco diferente; seguindo num declive cada vez maior, apresenta próximo do seu actual termo um alargamento em ângulo recto *a'*, cujos lados tornam a aproximar-se obliquamente, estabelecendo aí também uma piazinha ou uma disposição, em que um cubo ou taco de madeira podia obturar o canal.

A lagareta *B* tem uma forma pentagonal muito irregular, determinada apenas pelo feitio do rochedo. Mas os lados, se são irregulares em extensão, são-no também em profundidade. Assim o lado onde reabre o canal *b* mede $0^m,55$ de comprimento por $0^m,22$ de profundidade; o lado fronteiro tem apenas $0^m,15$ de altura. No fundo da lagareta, há um bueiro (*f*) que comunica com o exterior e se abre em nível inferior, para dar completa escoante ao líquido.

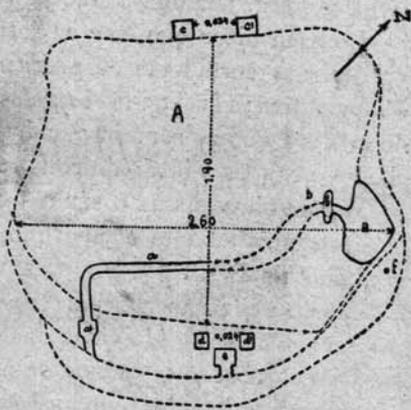


Fig. 10

No lado oposto à frente do lagar, há duas aberturas rectangulares *cc* paralelas e distanciadas uma da outra $0^m,34$, que atravessam verticalmente o rochedo de lado a lado.

Sensivelmente iguais, medem nos lados $0^m,18 \times 0^m,15$, e de profundidade $0^m,36$ na face do lado do lagar.

Note-se que não eram rigorosamente verticais essas cavidades, mas formavam um ângulo agudo com o plano do lagar.

Do lado anterior do penedo, há correspondentemente outras duas cavidades *dd* quadrangulares, distanciadas $0^m,24$. São também aparentemente iguais e medem de lados $0^m,16 \times 0^m,13$ e $0^m,18$ de profundidade. No meio há uma pequena excavação rectangular *e* com larga goteira, análoga à que já vimos no canal *a*.

Convém dizer que este curiosíssimo penedo já foi mutilado pelos «pedreiros» cortadores de pedra na sua parte anterior; a borda não é a primitiva; revelam-no os *petens* ou marcas deixadas pelas *cunhas* de aço, de que se servem aqueles operários, para separarem dos rochedos grandes pedras de construção.

A esta obra chama o seu actual possuidor um lagar *lá dos antigos* e pouco mais adiante eu, porque não ousou relacioná-lo como as antiguidades da Pena.

A sua utilização não parece ser um segredo para a nossa época. As cavidades *cc* e *dd* evidentemente se conjugavam e deviam servir para receberem uns prumos de madeira esquadriada, prumos que se destinavam a manter em posição a vara do lagar. A disposição é análoga aos actuais lagares. Indicando as calhãs ou regos que o líquido era aproveitado na parte anterior do sistema, compreende-se que nas aberturas *cc* se introduziam uns curtos barrotes, de modo que superiormente formavam um ângulo obtuso com o fundo do lagar. Esses barrotes eram decerto atravessados por um veio horizontal ou cousa equivalente, que sustinha a extremidade posterior da vara; pela parte inferior do rochedo, alguma disposição particular impedia que o esforço da vara os arrancasse.

Na frente desta prensa-lagar, as outras duas cavidades correspondentes recebiam outros dois prumos verticais, cuja missão era impedir que a vara se deslocasse da sua carreira obrigatória e talvez agüentá-la em qualquer ponto da sua descida, para que a pressão da massa vinária não cessasse.

Três pontos de saída se encontram para o líquido obtido, dois na parte anterior e um na lateral; este era constituído por uma verdadeira lagareta com boeiro inferior.

Não são raras estas insculpturas agrícolas em Portugal. Na Beira

Baixa vêem-se com freqüência e talvez sem antiguidade. Neste assunto os sistemas primitivos tem tido tal persistência, que é quasi sempre muito arriscado incluir numa determinada civilização qualquer descobrimento desta espécie. O meio, em que se encontram, é ainda assim o índice mais aproveitável da sua antiguidade, mas esse mesmo nem sempre é definido e seguro.

Creio que, no Norte do país, estão abandonadas há mais tempo do que no centro e esta por exemplo encontra-se num ponto, onde muito longe fica hoje a cultura da vinha e onde quasi falta a da oliveira. Portanto é lícito concluir que é de recuada antiguidade. Desta região já descrevi insculturas de carácter agrícola no *Arch. Port.*, IV e XIV, e outras são referidas nesta mesma revista, vols. II, III, IV e VIII¹.

5.

Como já indiquei, o *Côto da Pena* foi assento de antiga povoação, situada em cabeço naturalmente defendido pelo declive dos seus flancos e quicá por algumas obras ligeiras de fortificação, de que restariam dois ou três terraplenos artificiais com as respectivas trincheiras para um dos lados². O aparecimento de cerâmica característica, de utensilios de pedra e a ausência de *tegulae* e *imbrices* são factos demonstrativos de que o *Côto da Pena* deve, cronológica e industrialmente, classificar-se como estação pre-romana.

Esta fórmula toponímica de *Côto da Pena* não tem por si só abso-luto valor arqueológico, porque rigorosamente apenas traduz o aspecto fisico do local; *côto* e o diminutivo do dialecto alto-minhoto *cotarêlo* exprimem o mesmo que cabeço, outeiro em outras regiões mas nem um nem outro se applicam a eminências de grandes dimensões³.

¹ Poderei acrescentar o *Bulletin de la Soc. Préhist. de France*, VII, 61.

² Nos relatórios de A. Schulten sobre os acampamentos romanos em tôrno de Numância, lê-se que estes também eram fortificados com terraços consolidados por muros, sistema que nos castros ibéricos também se adoptava mais ou menos rigorosamente. (*Bulletin Hispanique*, x (1908), p. 128.

³ Na primeira revisão dêste meu trabalho, os srs. revisores da Imprensa Nacional emendaram, vezes sem conta, o meu *côto* para *couto*. É explicável a confusão, porque de facto, na pronúncia lisboeta, estas duas palavras não se distinguem. Não assim no norte e no dicionário: *côto* é um outeiro ou cabeço; *couto* é um têrmo de antigo direito, que não vem nada para o caso.

Ora o *Côto da Pena* é assim chamado por ser um cabeço altaneiro; não longe há uma freguesia do *Couto*, alusão a um antigo privilégio que ali houve; ninguém lá confunde estas duas cousas de som tam diverso. Portanto *Côto* está bem; e *Couto* é que estaria mal neste caso.

Real significação arqueológica tem, pelo contrário, o tópic *crasto* ou *castro* e os seus derivados ou paralelos; mas conviria averiguar, com bases concretas, se as estações abandonadas antes da época romana recebem ou receberam a classificação de *castro*; inclino-me a que, na maior parte dos casos, estas, que não são verdadeiramente lusitano-romanas, não mereceram a classificação de *castro*, porque, quando esta palavra passou, como as outras da mesma origem, à linguagem popular, já deviam estar, por assim dizer, esquecidas as populações anteriores a este facto e os respectivos assentos. As estações pre-romanas seriam já outeiros desertos e esquecidos; aquelas, que se haviam romanizado e até cristianizado, estavam ainda vivas na tradição, quando não na própria efectividade.

Não tenho esta observação por verdade inconcussa, mas julgo que tem alguns factos a seu favor. Não vou agora aduzi-los, mas na região de que me estou ocupando, além do *côto da Pena*¹ (estação pre-romana) há o *Alto de Pena-Cova*, estação calco- ou eneolítica; quasi contígua e bem perto destes pontos, o *castelo* de S. Miguel-o-Anjo de Ázere (*Arch. Port.*, I, 161) e 'os *Crastos* do Vale, duas estações que contêm a tégula romana e o numisma do Império. Sabroso, a importantíssima estação pre-romana do vale do Ave, tem a denominação popular de *Côto de Sabroso* (*Revista de Guimarães*, XXVI, 133 e XXIV, 59), e Briteiros, já no tempo de Gaspar Estaço (*Várias antiguidades de Portugal*, 1625, p. 66), se chamava *Citânia*, nome que em todo o caso passa por ser mais literário que popular, o que indicaria apenas que a tradição também a teria esquecido.

Se assim fôsse, o termo *castro* e paralelos teriam a maior parte das vezes tal ou qual valor cronológico, porque a linguagem do povo, que é o depositário das tradições, só teria aplicado aquele toponímico a montes fortificados em que a romanização fôsse facto consumado, e isso bastaria, independentemente de qualquer pesquisa, para sabermos a natureza de qualquer outeiro fortificado².

Um facto, que não pode deixar-se em silêncio, é a existência de lendas guerreiras neste cabeço, como em alguns castros. Não se lhes deve conceder sempre crédito local, mas é certo que a tradição generalizada existe e prende-se mais ou menos ao estratégico das posições e aos restos de obras militares de defesa. Neste caso, não me

¹ O nome, que já vimos, de *Penedo do Castelo* é acessório e secundário.

² Reconheço que há muitas estações lusitano-romanas em outeiro, sem que tenham o nome de castro ou análogos.

parece que se possam invocar origens literárias. No *Côto da Pena*, não só há a curiosa interpretação popular do termo *pena*, mas a tradição de que os habitantes desta eminência jogavam as cristas com os dos *Crastos do Vale* (*Arch. Port.*, VII, 195, nota 2, e 197, nota 2, e I, 126).

*

Como nestas *Considerações* é indispensável não perder de vista a exposição feita quando descrevi os achados, segue-se agora occupar-me dos objectos já conhecidos do leitor, pela ordem adoptada.

Nem o machado polido, nem o polidouro granitóide restringem a existência do castro à época neolítica. Assim como na cerâmica se deu a sobrevivência dos processos primitivos de a fabricar até aos mais baixos tempos da época do ferro, como está demonstrado mais sólidamente pelos trabalhos de Santos Rocha, assim o emprêgo do utensílio ou da arma de pedra polida desceu, pelo menos numa ou noutra região da Lusitânia, aos inícios da transformação romana. Note-se que atrás fica descrito um utensílio de ferro. Mas o que preciso ainda frisar é que, nos castros do Minho (e talvez nos de outras províncias), aparecem seixos que apresentam vestígios de utilização momentânea ou repetida, mas que tem formas naturais, aproveitadas para uma melhor adaptação a determinado fim. No Castelo de S. Miguel-o-Anjo de Ázere (*Arch. Port.*, I, 161) encontrei não poucos desses seixos e dois perfeitamente iguais, e no *Côto da Pena* há o cilindróide de pedra que descrevo acima e que foi utilizado para um trabalho de percutor... Isto corresponde talvez a um sintoma de decadência do emprêgo da indústria da pedra, porque é precisamente nos tempos francamente neolíticos que tais objectos de formas casuais e múltiplas não aparecem, ou menos aparecem.

Há também uma consequência que se pode, creio eu, tirar do aparecimento destes pequenos calhaus; é a que pressupõe a rudeza dos habitantes e a sua inópia. Pequenos e miserios povoados, cujos restos o longo tempo decorrido até hoje nobilitou, pelo elevado interesse que as sciências auxiliares da História despertam actualmente. Os habitantes destas estações já não fabricavam, nem permutavam o belo machado polido da civilização neo- ou calcolítica e, como não obtinham também, pela sua condição miserável, o utensílio ou arma de ferro, regressivamente lançavam mão do primeiro calhau que melhor se lhes adequasse a um trabalho determinado, como em uma época já muito afastada, devia ter procedido o selvagem quaternário, antes de saber produzir a mais simples forma preconcebida. Apesar porém, desta

malaventurada condição, o íncola dêste côto tinha, no amor do seu torrão, grandeza bastante para a precaver com obras de defesa, ao ouvir os ecos de uma invasão próxima, provávelmente das legiões romanas. Êste facto, que em quási cada castro se pode presumir ainda hoje, não deixou de ser notado pelos próprios escritores da antiguidade.

Os pedaços de rocha còrante podiam ter servido para a tatuagem ou para o tingimento de quaisquer objectos.

*

Já vimos minuciosamente a estrutura do lar ou pavimento examinado pelo Sr. P. Saraiva de Miranda.

Analisemos as suas considerações.

«Em vista disto, conclui que a cocção imperfeita se tinha operado na parte superior e que ela não podia ter resultado da acção dos raios solares, porque então devia ter sido igual em toda a espessura da camada argilosa, mas sim do fogo que, não exercendo por igual a sua acção, produzia em alguns pontos a cozedura mais perfeita ainda que não completa; isto o revelaram alguns pedaços de barro com umas depressões quási paralelas na superfície que assentava sôbre o carvão¹. Quando isto vi, rejubilei, pois no mesmo monte a SE. eu tinha encontrado, no meio de uns penedos, barros com iguais impressões, mas dispersas e de mistura com restos cerâmicos e no *Arch. Port.*, vol. VIII, pp. 270 e 271, tinha lido que no castro da Rotura idênticos barros tinham aparecido com canais geralmente paralelos e alguns transversais. E a descrição que ali vem, adapta-se perfeitamente aos da Pena.

«São considerados como tendo feito parte dum tecto constituído de ramos, tecto que o barro revestisse. Porém no meu caso, esta hipótese do tecto parece que deve ser posta de parte. Senão vejamos. Não pode restar duvida de que o barro assentava sôbre ramos carbonizados, porque dêstes ficaram nele as impressões. E, num dos pedaços que conservo, estava aderente um pedacito de madeira carbonizada, que media de diâmetro 0^m,02 e que infelizmente se deslocou; e noutro, embora eu não possa afirmar que fôsse aquele o seu lugar, ajustava-se perfeitamente outro pedacito. Se isto fôsse o tecto duma cabana,

¹ [Estas impressões só podiam ter sido produzidas pela applicação de barro mole].

tinha de admitir-se, em virtude da camada de madeira carbonizada sobre que o barro assenta, que um incêndio a havia destruído. Mas se assim fôsse, a superfície interna devia ser a mais consistente e o contrário é que é.

«A externa, pela sua côr avermelhada e maior resistência, é que mostra que sobre ela se exerceu a acção do fogo.

«Também não poderá admitir-se que o tecto desabasse tam direitinho, que ficasse na posição em que se encontrava e não mostrasse sinais de fractura manifesta, pois não os reconheci¹. Em vista disto, a hipótese que me parece mais plausível, e que não será absurda, é que podia ter sido o lar e pavimento duma cabana, que os primitivos habitantes da Pena ali tivessem construído encostada a um rochedo². Mas como se operaria a combustão da madeira? Não foi decerto o calor do lume a crepitar sobre a lareira que a realizou. Teriam os construtores daquela época conhecimento de que o carvão era inalterável mesmo em contacto com a terra e para maior solidez da sua obra, tivessem primeiro queimado os ramos e lançado depois sobre o carvão a camada de argila?».

Estas considerações traduzem o cuidado com que o novel pesquisador procedeu para com o seu achado, e confesso que a hipótese é bem própria para exercer a sagacidade de quem pretende sempre tirar algum resultado das suas observações.

Em primeiro lugar, não há duvida de que o barro foi préviamente aplicado em verde sobre faxina ou caniço (já de propósito carbonizado, numa hipótese, que me parece desnecessária, do Sr. P.^o Saraiva de Miranda), aliás não teria recebido a estampagem do varedo. Sendo assim, podia provir do tecto da cabana, mas esta explicação é rejeitada pelo próprio achador e com boas razões; também podia provir das paredes da própria cabana, o que não está em antagonismo com factos conhecidos da antiga etnografia, mesmo portuguesa, e isto tem, não direi visos de probabilidade, mas de possibilidade num caso: aquele em que, incendiada uma cabana, tendo desabado um pano das suas parades, posteriormente os habitantes ou fizeram lume durante algum

¹ Esta obra, [lar ou pavimento, tinha a inclinação do chão ou do monte, a qual naquele sítio era pequena.

² Podia muito bem ser um pequeno espaço na parte mais elevada e também mais plana junto do fundo da suposta cabana, onde o barro mostrava maior coesão. Notei que, para os lados dêste espaço, fácilmente se desagregava e que apenas se conservava a camada superficial.

tempo sobre esse estrato de barro, ou o incêndio da cabana, fazendo abater primeiro uma porção das paredes de cançada, invadiu depois o tecto e outras partes, continuando sobre os destroços com intensidade suficiente para calcinar o barro primitivamente abatido, cozendo a sua zona superior ao abrigo do ar mais completamente do que a zona inferior, que fôra atingida apenas no princípio do incêndio, mas que depois a sua própria posição poupou.

É isto explicaria talvez como, sobre este *lar*, ou melhor *rescaldo*, se encontravam destroços vários contidos na cabana, cacos de vasos, utensílios de pedra e carvões. É certo que em outro ponto das suas cartas, me diz que também lhe parecem excessivas para *lar* as dimensões d'este estrato de barro ($1^m,50 \times 0^m,50$). Mas, apesar da minha preferência por esta hipótese, creio que ainda outra se pode aventar.

É que fôsse prática seguida por aqueles povos estabelecer a sua lareira sobre uma espécie de estrado de faxina, protegido por uma camada de barro e não directamente sobre a terra. O que a arqueologia nos tem já revelado em restos de habitações prehistóricas é a existência dum pavimento coberto de barro, algumas vezes ôco inferiormente; contudo não parece ser este último o nosso caso, porque esta obra assentava directamente sobre o chão do monte. O pavimento de madeira coberto de barro podia ser um conforto adoptado por estes povos, à semelhança de outros; sendo assim, o facto de fazer lume sobre este pavimento não deveria deixar de carbonizar, embora lentamente, a faxina subjacente, dada a pouca espessura da camada de barro¹.

O que me parece deduzir-se d'este descobrimento do *Côto da Pena*, é que não podemos estar a inventar o incêndio duma cabana pre- ou protohistórica, para cada porção de barro que aparece cozido com a estampagem de faxina de madeira em alguma das superfícies; porque bastará que admitamos a prática de se estabelecer o *lar* sobre uma camada de barro suportada por uma cançada de varedo. E esta conclusão já por si seria bastante importante para a etnografia destas épocas afastadas, se pudesse ser completamente averiguada.

¿Demais, para que fatigar a nossa sagacidade com estas explicações que, não se referindo à última hipótese que estabeleci, só poderão exercer-se sobre um acontecimento casual e particularíssimo, sem

¹ Restos d'este pavimento são descritos pelos irmãos Siret na sua obra *Les premiers âges du métal dans le sud-est de l'Espagne*.

alcance arqueológico, succedido num momento qualquer da vida de certos castrejos?

O lar, que o Sr. P.^o Saraiva de Miranda descobriu, constituído por barro e sobretudo com seixos, é dum tipo bem primitivo. Nos *kjökkenmöddinger* de Muges, encontrou Paula e Oliveira restos de um ¹. Os seixos podiam ser não só o pavimento do próprio lar, mas principalmente os suportes da baixela cerâmica, quando submetida à acção do fogo, de que os carvões são o irrefragável documento.

Os habitantes dos povoados da época do bronze no norte da Itália também estabeleciam os seus lares sobre uma camada de argila, que se tornava dura por esse facto (*Manuel*, II, 120).

Este sistema não podia deixar de ter longa duração e por isso, num acampamento de Scipião, em tórno de Numância, no de Valdeorron, um lar era constituído por lajões de argila endurecida ao fogo com a dimensão de 0^m,46 × 0^m,25; noutros pontos, os lares assentavam numa alvenaria em círculo (*Bulletin Hispanique*, XI, 1909, p. 4).

*

A presença de desenhos de estilo curvilíneo no *Coto da Pena*, situado a pequena distância doutra eminência, que eu já explorei e que não forneceu senão cerâmica de estilo rectilíneo, é um facto que deve ter uma explicação e um sentido. São muito escassos os achados do *Coto da Pena*; foram mais abundantes os do *Alto de Pena-Cova* e suficientes para classificar esta estação arqueológica num período anterior ao conhecimento do ferro. A ornamentação da cerâmica era toda inspirada nas múltiplas e abstractas combinações da linha recta; no *Coto da Pena*, poucos são os fragmentos recolhidos com ornamentação linear, mas esses, com a excepção de um, apresentam-se com uma ornamentação nova, desconhecida em *Pena-Cova*, pelo emprego da linha curva. Evidentemente aquela é mais antiga.

Em outra estação pertencente à mesma zona arqueológica, situada também a pouca distância das duas referidas, mas em nível inferior e mais próximamente de um curso de água, appareceram objectos que já significam a presença da civilização romana, e aí a cerâmica, conservando ainda alguns motivos rectilíneos, mas caracterizando-se por um fabrico mais perfeito que a do *Alto de Pena-Cova*, fornece tam-

¹ *Nouvelles fouilles faites dans les kjökkenmöddinger de la vallée du Tage*, por F. de P. Oliveira, p. 5.

bêm exemplares de ornamentação curvilínea; refiro-me ao *Castelo de S. Miguel-o-Anjo* de Ázere (*Arch. Port.*, I, 161). De modo que, pela pasta e pelo estilo, a olaria mais antiga e primitiva é a daquela estação, a mais elevada de todas e a mais cedo desertada; segue-se na ordem cronológica a do *Côto da Pena*, onde nada romano appareceu, e em último lugar, a do castro lusitano-romano de Ázere; as cotas de altitude destas estações são também descendentes.

¿Qual pode ser a época em que a estação, de que me estou occupando, foi habitada?

É certo que o espólio arqueológico dêste cabeço é o mais modesto possível, mas a uniformidade de estilo da ornamentação de todos os fragmentos cerâmicos (excepto um, como já disse) chama verdadeiramente a atenção, pelo contraste que me oferece com a de outro ponto, situado a bem pequena distância. Por isso, as conclusões, que se basearem neste reduzido espólio, tem grande credibilidade a seu favor, não pelo número de objectos, mas pelo carácter dêles.

*

Esta frisante diversidade de estilos rectilíneo e curvilíneo vê-se em toda a cerâmica ibérica; bastar-me há aduzir a ornamentação de Ciempozuelos e de Palmela ao lado da do grupo I de ornamentação geométrica dos vasos pintados de Amarejo¹, de Meca, de Elche, etc. (*Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, por P. Paris, II, 141) e da mais comum dos nossos castros².

Em Portugal, a quem quer que percorra os mostradores do Museu Etnológico Português, patentear-se há com a maior evidenciação não só o phenomeno em si, mas a sua successão cronológica. Ao estilo geométrico rectilíneo succedeu o estilo geométrico curvilíneo. Mas esta successão não foi uma evolução da mesma arte, não se transformou um estilo no outro por força própria, espontaneamente. Houve causas externas, influências estranhas que trouxeram uma nova arte,

¹ Veja-se principalmente em *L'Anthropologie*, v, XVIII (1907), p. 626, o artigo do Sr. P. Paris: «Note sur la céramique ibérique».

Parece-me claro que, para o confronto genésico dos estilos, a diversidade de técnica, que se mostra na cerâmica incisa e na pintada, não tem uma importância capital. Idêntico critério segue Déchelette a p. 522 do tomo II do *Manuel*.

² Pode ver-se no *Archeologo Português*, na *Revista de Guimarães*, nas *Religiões da Lusitânia* e na *Portugalia*.

introduzindo a curva como elemento ornamental, onde quer que o artífice ibérico tivesse de produzir uma obra sua. Ou no barro, ou no metal, ou na pedra, esta corrente artística, vinda de fora, deixou bem patente a sua influência multiforme.

Apesar das divergências, que aparentemente separam os etnologistas que tem manuseado tam interessante problema arqueológico, um traço comum os pode conciliar, creio. Nenhum destes escritores, M. Sarmiento, P. Paris, J. Déchelette, S. Siret, coloca o campo em que estas influências se formaram e exerceram, fora das praias do *Mare Internum* e das ocidentais do *Oceanus Atlanticus*. Divergem na data em que pensam que essas influências se exerceram na Ibéria; divergem nos aspectos mais particulares do estudo de uma ou outra região da Península Ibérica; mas, para todos, influências helénicas em geral são as que imprimiram na arte ibérica o cunho ornamental de que encontro um apagado reflexo na modestíssima cerâmica do *Côto da Pena* e dos castros portugueses¹.

O ponto melindroso é a época precisa, em que a corrente artística, que me agora interessa, inundou a Ibéria.

Se se atender a que, ao lado da curva na cerâmica, quer pintada (a que propriamente chama ibérica o Sr. P. Paris) quer incisa, existe a linha curva também sobre a arma de ferro, sobre a habitação castreja e sobre o enfeite e o utensílio metálico, creio não ser impossível chegar a uma conclusão sofrivelmente fundamentada.

Nas clássicas estações da época do ferro da Europa, é a exumação de artefactos gregos ou italo-gregos o indicador cronológico mais seguro, a que se tem apegado os melhores tratadistas destas delicadas questões.

Nos castros portugueses, em correspondência com uma cerâmica evidentemente pre-romana, ornada uniformemente segundo o estilo geométrico curvilíneo, aparecem as ombreiras e vêrgas das habitações ricamente lavradas com variados desenhos, cuja base é a curva combinada num estilo verdadeiramente característico, curva que ornamenta também os punhos das curtas espadas anteniformes e dos sabres ondulados² que surgiram na notável necrópole de Alcácer; os *obeliscos* transtaganos, os célebres estoques de Cenáculo de que até

¹ E não só na arte ibérica, porque o estilo de La Tène é considerado como um efeito de penetrações helénicas nas regiões do Reno médio.

² Bastaria isto para demonstrar que é verdadeiramente ibérica a indústria siderúrgica que produzia estes artefactos; o que aliás já pensam J. Déchelette e P. Paris.

se me figuram réplicas em pintura na cratera salaciana, e por fim a ourivesaria dos castros. É impossível, a meu ver, divorciar esta série de achados, dissociando a sua ornamentação; em outra monografia me occuparei dela mais *ex professo*¹.

Em Alcácer appareceram vasos gregos de figuras vermelhas e são estes os que tornam a capitulação cronológica das sepulturas mais precisa, porque a espada de antenas, essa parece ter tido uma longa existência (700 a 500 a. C.). J. Déchelette diz que a segunda fase da época de Hallstatt, a única que se desenvolveu no sudoeste da França e na Ibéria, é caracterizada por aquelle artefacto (*Manuel*, etc., III, 606 e 625).

No *Bulletin Monumental* de 1875 (n.º 5, p. 471) vem uma *Chronique*, onde se exara a opinião dum especialista sôbre a cratera da necrópole salaciana. É de M. Desjardins, o qual entende que êste exemplar, denunciando época de decadência, em que os modelos tradicionais eram reproduzidos sem o sentimento da arte, pertence seguramente à escola grega, como cópia que é, e deve ter sido executada na Itália ou na Sicília².

Segundo Pottier (*Catalogue des vases antiques de terre cuite...*, Paris 1896), os vasos gregos em que as figuras e outros desenhos são reservados sôbre o fundo de argila, emquanto a côr negra enche todo o restante campo livre, pertencem à categoria dos chamados vasos de figuras vermelhas; inicialmente datam do fim do séc. VI, mas o seu estilo vai-se alterando sucessivamente, tornando-se minucioso em excesso no fim do séc. V e no IV. Isto entende-se porêem, com os autênticos e originaes³.

A cultura, que os achados da grande necrópole de Aguilar de Languita, explorada pelo Sr. Marquês de Cerralbo e à qual J. Déchelette se refere mais especialmente, revelam, deve attribuir-se, segundo

¹ A associação, em numismas autónomos, da espada ondulada, da cetra lusitânica, e de outra curta arma, provam a sua coevidade. Com a espada ondulada, appareceu em Alcácer o terçado de antenas, de punho tauxiado no estilo citaniense e o vaso grego de figuras vermelhas. Tudo isto equivale a um depósito arqueológico, que se encontrasse homogêneamente constituido.

² A exploração da necrópole de Alcácer, descoberta por acaso em Maio de 1874, foi feita sem critério e sem rigor algum scientifico. São apresentados como dela objectos romanos; assim uma máscara de argila e uma moeda de Cláudio (*Boletim Architectónico e de Arqueologia*, t. I (anos de 1874 a 1876, pp. 91 e 131). Cf. *De Campolide a Melrose* pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, p. 47, nota.

³ Uma boa parte da bibliografia de Alcácer é alemã e creio que não se encontra em Lisboa; vem citada por E. Hübner, *La arqueologia en España*, p. 281.

este autor, às influências helénicas principalmente; os protótipos dos principais objectos desta civilização, espada, enfeites, cerâmica, devem procurar-se no território helénico e particularmente nas colónias, gregas da Sicília e Itália meridional (*Manuel*, II, 692). Mas não pode duvidar-se de que estas colónias, que são o produto do movimento marítimo que da Grécia irradiou desde o séc. VIII, tiveram posteriormente uma preponderância secular na civilização da Europa, não só para os países setentrionais, mas através do mar para as costas ibéricas. Por isso Déchelette assina para aquela necrópole, aliás situada no interior da Península, uma data relativamente tardia, o séc. IV a. C.¹

O parentesco das sepulturas Angular de Anguita com as de Alcácer não se prova apenas pelo rito comum de incineração, mas pelo espólio. Bastaria comparar os artefactos expostos no Museu Etnológico Português com os reproduzidos na fig. 264 da p. 689 do *Manuel* de Déchelette (vol. II), para conhecer a identidade perfeita; citei os terçados de antenas, as pontas da lança, uma espécie de chuços, e os freios dos cavalos. Déchelette atribui esta necrópole ao séc. IV a. C. (Cf. *Compte-Rendu* do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Preistóricas celebrado em Genebra, em 1912).

Nas sepulturas de Alcácer, apareceram também exemplares de barro vermelho, coberto por verniz negro; parecem-me da classe dos campanienses ou etrusco-campanienses e, em conjunto, estes artefactos classificam-se dos sécs. III-II (*Manuel*, II, 1000). Em Portugal são muito raros estes produtos de importação.

Na minha ordem de ideas, sinto-me acalorado pela opinião do malogrado autor² que insistentemente tenho aduzido. Déchelette, ocupando-se da cerâmica da Armorica francesa, desta época, diz que ela procede do mesmo estilo de elementos curvilíneos, tam característico como é, para o qual tanto os oleiros desta região, como os artífices que em outras nos legaram produtos em que é análoga a ornamentação, todos beberam em fonte comum, qual era o rico repertório dos

¹ Eis aqui elementos do estudo d'este assunto: algumas cidades fundadas no séc. VIII a. C. pelos colonizadores gregos na Sicília: Siracusa, 735 a. C.; Megara Hyblaea, 728 a. C.; Agrigento. Na Itália Meridional, desde o séc. VIII a. C. Tarento, Crotona, Sybaris.

Na França Meridional; Marselha, séc. VII (600 a. C.); Olbia, Antilopis, Nicea, Agata, séc. VI a. C.

Na Espanha: Rhoda, Emporiae, metade do séc. VI.

² J. Déchelette, cujo *Manuel* é obra culminante nestes assuntos, morreu já na guerra actual.

motivos decorativos da arte helénica¹. Ora nessa cerâmica armoricana, eu vejo desenhos incisos como os do *Coto da Pena* (*Manuel*, etc., II, 1469).

São da idade de *La Tène I* aqueles vasos, o que apenas atesta parte da duração da influência artística da Grande-Grécia, porque, quanto ao mais, a própria cultura designada por aquele tópicó é ainda emanada das mesmas correntes de arte italo-grega².

Ao lado do ornato curvilíneo dos nossos castros, tal como o do *Coto da Pena*, aparecem curiosas figuras estampadas, como na cerâmica do III período da idade do ferro do Norte da Itália, período limitado pelos anos 750 a 550 a. C. (*Manuel*, etc., II, 539).

Parece-me certo que não é tam antiga a nossa olaria, porque nos encontramos muito na periferia d'êste vastíssimo campo de effúvios da arte clássica, mas não deixa de ser muito interessante êste confronto, aliás já apontado pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (*Religiões da Lusitânia*, II).

O que me parece indubitável, é que se deu uma longa persistência d'êste estilo; no *Coto da Pena* não há nenhum vestígio da civilização romana. É lógica a ilação de que foi abandonado antes do deramamento desta civilização ao norte do Douro; séc. II, a. C. (*Relig. da Lusit.*, III, 158); só a pouca abundância de restos, que poderia ser

¹ Êste conceito das influências que, partindo da Itália do Sul, bracejavam no comêço da idade do ferro para a Itália do Norte e para a Ibéria e Armorica é para Déchelette a hipótese que melhor explica analogias que se patenteiam entre a cerâmica ibérica, vilanoviana e armoricana. Entende êste autor que não é precisa a suposição de que os ornamentadores das sítulas italianas exercessem alguma influência na cerâmica armoricana, mas é mais verosímil admitir que os celtas da Armórica, como os venécios de Adriático, beberam em proporções desiguais e por vias diferentes na fonte comum da arte grega. É inegável o parentesco dalguma ornamentação castrêja com a itálica. Vid. *Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* par E. Cartailhac, p. 279.

² Vou citar um facto, que define a maneira por que se exerciam as influências helénicas.

No *Bulletin Hispanique*, XIII, 1911, publica-se um artigo «Quelques fragments de vases ibériques d'Ampurias», por M. Cazorro, onde se reproduz um vaso ibérico, em que o ceramista pretendeu copiar uma scena representada em vasos gregos; mas o que interessa, é, em primeiro lugar, que, na parte geométrica da ornamentação, lá figuram os círculos concêntricos e, depois, que se surpreende claramente o fenómeno da influência directa da cerâmica grega na ibérica, sem necessidade de recorrer a uma importação púnica, segundo pensa também o autor. Seja porêem como fôr, em alguns pontos da costa ibérica, as relações comerciais com Cartago parecem assentar em sólidos argumentos.

aqui invocada para classificar de negativo o argumento, é que seria susceptível de contraminar esta conclusão.

Mas os factos da nossa arqueologia não são escassos de longas sobrevivências; o escudo lusitano por exemplo, que estátuas do séc. I a. C. ou anteriores sustentam¹, recebia ainda uma ornamentação da época de bronze (*Arch. Port.*, XIII, 202).

Em uma estação tam pobre como a do *Côto da Pena*, não pode esperar-se o encontrar vasos italo-gregos, que habilitam o estudioso a classificar com segurança a antiguidade do povoado, e por isso há necessidade de proceder por meios indirectos. Mas afigura-se-me que a ornamentação curvilínea se reconhece bem nos fragmentos, que dei à gravura neste artigo. E a sua associação com outros desenhos nos castros mais ricos de cerâmica e em outras estações espanholas também a julgo lógica.

No subsolo de Numância, aparecem fragmentos ornados com um estilo pre-romano, e, embora sejam executados a pincel e não a estilete, não deixam de nos apresentar motivos de estilo curvilíneo, como linhas de , *postes*, cruces, suásticas, linhas onduladas, etc. A Numância celtibérica desapareceu em 133 a. C. (P. Paris, *Promenades Archéol. en Espagne*, p. 247 e est. XLVIII). Tocante à cerâmica numantina, lê-se na *Revista de Archivos* (XVIII, 1908, p. 125) que há duas espécies de motivos ornamentais rectilíneos e curvilíneos; aqueles são linhas ou grupos de linhas que separam *recuadros* ou debuxam rombos, cruces, suásticas, gregas, triângulos, ziguezagues, axadrezados, etc; estes são a linha ondeante, a espiral, os SS em série, os círculos e os semicírculos concêntricos. Podem ver-se nos mesmos vasos os dois estilos.

Idêntica ornamentação vejo em cerâmica da acrópole de Villaricos, também pintada, é certo. Estes artefactos, que o seu inventor classifica dos sécs. IV-III, estão datados pelos vasos gregos que juntamente aparecem e que levam J. Déchelette ao mesmo resultado cronológico, à parte as notáveis diferenças em pontos de vista etnológicos que se notam entre este autor e o sr. L. Siret. (J. Déchelette, *Essai*, etc., p. 65 e L. Siret, *Vilaricos y Herrerias*, p. 384 e lam. III).

A fibula de Alcácer é a anular, fibula especificamente hispânica, que em outros pontos da península tem sido datada dos sécs. IV-III. Desta época é o célebre tipo do sabre de Almedenila, que em Alcácer

¹ Na necrópole de Aguilar de Anguita appareceu o *umbo* de ferro dos escudos ibéricos (*Manuel*, II, 688).

também existiu. (*Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, Paris 1903 e 1904, t. II, est. X e XI)¹.

Falando de um modo geral, Déchelette diz que é necessário cada vez mais reconhecer os empréstimos helénicos na civilização dos povos bárbaros da Europa Ocidental e Central, sobretudo a partir do séc. VI, isto é, depois do grande movimento da colonização grega.

Não posso deixar de fazer a observação de que, no estilo de período de La Tène, se encontram motivos muito semelhantes.

Esta cerâmica ornada com faixas sinuosas já aparece nos sécs. VI-V; assim foi reputada no subsolo de Marselha, apesar de considerada indígena. (*Manuel*, II, 1006, nota).

A cerâmica do Coto de Sabroso e da Citânia de Briteiros diversificam bastante no seu conjunto. (*Revista de Guimarães*, XXIII, 45 e 46). Contudo não deixam de sobrepor-se alguns motivos ornamentais, porque é parcial a contemporaneidade das suas célebres estações. Abandonado em data mais recuada foi Sabroso; Briteiros ainda abrigou dentro dos seus muros a civilização romana e até a medieval. Em conjugação com isto, a cerâmica mais frequente em Sabroso, favorita, diz Sarmiento (*Rev. de Guimarães*, XXIV, 114, 120; XXVI, 6), é-o muito menos em Briteiros; o que neste ópido abunda mais, em Sabroso ainda é raro. A romana até falta no Coto de Sabroso. Concretizando, os motivos preferidos na ornamentação sabrosina (*Rev. de Guim.*, XXIV, 114 e 120; XXVI, 132) são o triângulo ou a pirâmide combinada de vários modos e menos frequentemente aparece o círculo singelo ou dobrado, às vezes em grupo com aquela (*Rev. de Guim.*, XXIV, 118). Na Citânia, a ornamentação circular vê-se até ser destronada pela romana (*Rev. de Guim.*, XX, 124); a triangular só aparece uma vez (*Acêrca das escavações em Sabroso*, por Sarmiento, in *Renascença*, 1879, p. 118) ou é rara (*Rev. de Guim.*, XXII, 122).

O abandono da estação de Sabroso teria sido, para o seu ilustre explorador, efectuado circa 138 a. C. (entrada de D. Júnio Bruto), isto é, no séc. II.

A louça de Sabroso é gravada e estampada, mas, para eu mostrar o seu parentesco com a ibérica do sr. P. Paris, bastar-me há um exemplo frisante. Na *Revista de Guimarães* (vol. XXIII, 49) vem o notável desenho dum caco, desenho obtido por impressão; é o seguinte: 

¹ Esta adaga ondulada era recortada no punho em forma de cabeça de cavalo; há também fíbulas hispânicas com este contôrno equino.

Na grande obra de P. Paris (*Essai*, etc., p. 56, figs. 64 a 66 e p. 58, fig. 67) esta combinação «particularmente estimada pelos oleiros espanhóis» (ibid., p. 116) repete-se com frequência na cerâmica pintada de Alberca de Múrcia, Elche e Amarejo¹.

No cêro de Amarejo, apareceram cacos gregos do séc. vi (P. Paris, II, 7), mas as outras duas estações não são consideradas tam antigas (P. Paris, II, 133). Em Sabroso, também há olaria ornada de cordões ou nervuras (*Rev. de Guim.*, xx, 5 e 11; xxiii, 45; xxiv, 17).

Nas costas orientais de Espanha, no solo duma colónia massaliota fundada pelo meio do séc. vi — *Emporiae*, havia uma necrópole, cujo início era marcado pelos vasos helénicos do séc. vi-v e onde a olaria ibérica pintada da última fase (círculos e meios-círculos concêntricos e linhas onduladas) aparecia associada à baixela campaniana e até a produtos de Arrezio e Graufesenque (*Manuel*, etc., II, 1008). As importações campanianas revelaram-se também em Alcácer, como disse.

Naquela antiga colónia, a mesma indústria ibérica foi achada em estratos do séc. III (id., p. 1498).

Que nos nossos castros a louça micácea, ornada com o estilo linear curvilíneo, tivesse uso cumulativamente com a romana não é de admirar; também em Numância o estrato da cidade celtibérica forneceu a cerâmica hispânica pintada, cuja utilização chegou até aos acampamentos das legiões romanas; naturalmente as indústrias indígenas não acabam de-golpe em parte alguma (*Manuel*, etc., II, 1499).

¹ Pode ainda ver-se *Arch. Port.*, VI, 34. Na *Rev. de Guimarães*, xxiv, 121, vem um desenho análogo, mas os círculos são ligados por tangentes oblíquas e paralelas, tal como no estilo de Dypilon, o que não é indiferente. Este motivo não aparece rigorosamente reproduzido na cerâmica pintada, mas as espirais pintadas da fig. 175 (P. Paris, II, p. 88) e as tauxiadas da espada de pp. 274-275 (vol. II, pl. x) correspondem ao mesmo ornato, pois que o oleiro gravador evitava a espiral, substituindo-a pelo desenho a que me refiro e que imprimia com fôrma ou sinete.

! Na Citânia aparece olaria com pintura *côr de café* (*Rev. de Guim.*, xxi, 119; xxii, 7, 15, 103, 118), mas ficamos sem saber o estilo, porque as centenas de fragmentos cerâmicos das duas notáveis estações minhotas esperam ainda o seu editor!

Em Sabroso, não vejo menção de cerâmica pintada. Ora tendo sido o coto de Sabroso abandonado antes da Citânia de Briteiros, parece que deve concluir-se que, no momento em que aquele facto se deu, ainda a cerâmica pintada não estava em uso nesta região, devendo considerar-se de mais antigo uso a ornada com incisões ou impressões.

Em cerâmica da cidade de Terroso, vêem-se os conhecidos *postes* e círculos incluídos em horizontais, isto além de ornamentação linear rectilínea (*Portugalia*, II, 614).

No castro de Sacoias, lá se vê um traço ondulado, característico (*Arch. Port.*, XII, 269).

No castro de Cendufe apareceu em 1915 um belo caco indígena com dois traços ondulados, incluídos em três raios horizontais, traçados com tanta largueza e harmonia, que lembram as curvas dos antigos cadernos elementares de caligrafia (cf. fig. 8, I e II).

Estabelecida a ligação da grosseira cerâmica do *Côto da Pena* e em geral da dos castros pre-romanos de Portugal com os artísticos produtos da cerâmica pintada da Espanha¹, é possível caminhar com passo algum tanto seguro neste campo de induções cronológicas.

O vasilhame ibérico aparece na Espanha aproximadamente na I época de ferro e perpetua-se até a conquista romana, mas aquele, em que a ornamentação é simplesmente geométrica e é nessa que se filia a que estou estudando, não sobe além de IV-III séc. a. C. Os vasos áticos gregos de figuras vermelhas, que se recolheram em Amarejo e em Villaricos, precisam aquela atribuição e em Ampurias a camada, em que apareceram, é do séc. III (*Manuel*, etc., II, 1494).

Vasos de figuras vermelhas, os quais podiam provir das imitações da Itália meridional, recolheram-se em Alcácer ao lado das adagas anteniformes, cuja ornamentação creio associar-se à das nossas citânias, às quais pertence a louça ornamentada no estilo curvilíneo.

Um daqueles, uma *cratera* a que já me referi, exhibe uma scena cultural em que, nas mãos de duas personagens, parece verem-se os espetos ou *obeliscos*, de que já mencionei a ornamentação em *postes*, que pode ver-se em Cartailhac, *op. laud.*².

¹ Há no Museu Etnológico Português, da colecção que foi de Estácio da Veiga, um grupo de fragmentos cerâmicos com pintura, que talvez pertençam às séries ibéricas de Amarejo, Elche, Villaricos, Archena. Creio ter sido êste o pensamento do sr. Director e meu Mestre.

² O original está no Museu Etnológico Português (*Antig. mon. do Alg.*, por E. da Veiga, IV, est. xxv).

Nos *Comptes-rendus (Acad. des Inscript.) des séances de l'année 1912*, num artigo de J. Déchelette com o título *Les broches processionnelles et le vase dit des Moissonneurs*, etc. (p. 83), recorda-se que, na *Revue Numismatique* de 1911, se mostrara já que os Gauleses do séc. IV, a exemplo dos Etruscos, depositavam nas suas sepulturas feixes de espetos de assar, que, antes da invenção da moeda, foram utilizados como medida ou valor comum nas transações comerciais. Deve ser análoga no tempo e no lugar a origem dos obeliscos lusitanos.

*

É tempo de recapitular os elementos de apreciação que reûni nestas duas ou três páginas¹. A insignificância do espólio parece que não daria aso para comparações com estações de importância, por assim dizer clássica. Mas é precisamente nestes sítios, cuja cronologia foi determinada de maneira muito segura, que eu melhor podia encontrar pontos de influência e portanto de bom apoio para as minhas induções.

Do Côtto da Pena não há mós giratórias e pelo contrário há uma mó primitiva ou triturador. Como estes utensílios nunca são muito abundantes, seria imprudente buscar apenas no aparecimento duma só espécie, e na ausência doutra qualquer, ilação cronológica. Mesmo com cerâmica pre-romana, não seria de admirar que já apparecesse a mó giratória (*Arch. Port.*, VIII, 108; *Boletim da Soc. Arch. da Figueira da Foz*, I, n.º 4, 1907, p. 127; *Renascença*, 1878, p. 120) e, se a sua ausência fôsse um facto comprovado com certa fartura, o Côtto da Pena tinha de capitular-se em época anterior, não só à romanização, mas ainda ao emprêgo da mó dupla ou giratória.

Ora em Sabroso já existia esta, bem como em Santa Olaia, que o seu inventor attribui a *La Tène I*. Com êste fundamento, a antiguidade desta estação deveria, quando muito, cingir-se aos primeiros quartéis daquela época, o que destoa um tanto das conclusões mais prudentes tiradas da cerâmica² recolhida.

Dum modo mais geral, vimos que nenhum artefacto da época romana surgiu no Côtto da Pena, como também no Côtto de Sabroso; temos aqui o limite mais baixo ou tardo, até o qual podemos presumir que uma tribo pre-romana estacionou neste elevado outeiro;

¹ O que pretendi, foi averiguar a que período pertence em Portugal o estilo curvilíneo e deduzi-o, conciliando entre si os autores, do índice cronológico que os vasos gregos fornecem. Comparei depois os achados dos castros portugueses em geral, de Alcácer do Sal, de Aguilar de Anguita, da Armorica, da Itália, de Numância, de Villaricos, de Sabroso e Citania, de Murcia, Elche, Amarejo e Ampurias, de Terroso, Sacoias e Cendufe, para chegar à conclusão que consigno no texto.

Devo lialmente confessar que não disponho em Lisboa de material museográfico e didáctico que me permita consolidar bem o meu modesto, mas sincero parecer, neste assunto; parecer que não pode deixar de pedir revisão a quem é mais competente.

² *La Tène I* corresponde aos sécs. v. a III a. C.

séc. II, a. C. Perpassando todas as referências às quais me julguei autorizado a recorrer, em presença da cerâmica de estilo curvilíneo, procedente do Côto da Pena, a baliza mais distante que teóricamente seria imprudente transpor, encontramos-a no séc. VI a. C., mas os mais prováveis confrontos oscilam entre os sécs. IV-III, e num ponto, onde os vestígios da habitabilidade são tam limitados, não é lógico suputar longa permanência duma tribo, que já devia conhecer o ferro e que provavelmente, aos primeiros ecos da invasão de D. J. Bruto, se acolheu a reduto mais tranqüilizador. Em todo o caso, tendo em consideração que em Sabroso ainda aparece muita cerâmica de estilo rectilíneo, o Côto da Pena deve ser considerado menos antigo que esta clássica estação.

Marcado êste ponto arqueológico na região, que o meu dedicado pesquisador P.^e Saraiva de Miranda tem insistentemente palmilhado, passaremos a outros não menos interessantes, que serão objecto das seguintes notícias.

Lisboa, Junho de 1915.

F. ALVES PEREIRA.

A êste estudo, de que não tiro *separata*, pertence o n.^o XVII de série 1.^a (*Estudos do Alto-Minho*).

Segunda exploração arqueológica do Outeiro da Assenta (Termo de Óbidos)

Em uma região muito ondulada por outeiros que se socaleam até os píncaros das Linhas de Tórres, e entremeada de vales extensos e largos, levanta-se duma forma imponente o Outeiro da Assenta.

Fica situado ao NO. da «mui notável e sempre lial vila de Óbidos»¹, distante dela uns escassos 2 quilómetros, sôbre o lado direito da estrada que leva da vila para a Lagoa de Óbidos. Ergue-se a cêrca de 100 metros de altitude, e é constituída por uma grande mole de calcáreo jurássico². Com uma secção de ellipse irregular, alonga-se na direcção de NO.-SE. A vortente virada a E. apresenta um acesso difficil nos sítios onde as aluviões estenderam ladeiras íngremes, e

¹ *As cidades e vilas da monarquia portuguesa que tem brasão de armas*, por J. Vilhena Barbosa, 1860, II, pp. 97 sgs.

² *Carta Geológica de Portugal* da Direcção dos Trabalhos Geológicos, por J. F. Nery Delgado e Paul Choffat.